

A INTENTIO E A TEORIA AGOSTINIANA DAS TRÊS VISÕES

Nathaniel Lovatto

*Universidade Federal da Fronteira Sul
nathaniel_lovatto@hotmail.com*

Eixo 07: Ciências Humanas

RESUMO

Este resumo expandido aborda os resultados parciais da dissertação *As funções da intentio na psicologia Agostiniana*, em relação ao papel da *intentio* na teoria das três visões da alma. Através da metodologia de revisão bibliográfica, com o devido cuidado comparativo entre o latim e o português, a pesquisa avançou decifrando o uso conceitual e contextual da *intentio* na obra *Comentário Literal ao Gênesis* (XII). Nela, Agostinho teoria três tipos de visões na alma humana, uma pela qual percebe as realidades corpóreas (visão corpórea), outra pela qual pensa nas imagens guardadas em sua mente (visão espiritual) e outra, por fim, que raciocina e julga o que surge diante do pensamento (visão intelectual). A *intentio* executa o papel do direcionamento das visões ao objeto que a alma quer ver.

Palavras-chave: Agostinho. Filosofia Medieval. Alma.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um compilado dos resultados parciais da dissertação *As funções da intentio na psicologia agostiniana*, do presente autor. Os resultados escolhidos são referentes ao sexto capítulo da pesquisa, intitulado *Comentário Literal ao Gênesis* (XII) e a *intentio*, com destaque para o assunto principal do capítulo: a teoria das três visões da alma.

A dissertação busca investigar a noção e as funções da *intentio* na filosofia da alma de Agostinho, ao longo das obras *A Grandeza da Alma*, *A Música* (VI), *O Livre-arbítrio*, *Confissões* (XI), *Comentário Literal ao Gênesis* (XII), *Carta 166* e *A Trindade* (VIII-XV). A *intentio* é um conceito muito utilizado pelo filósofo, porém sem o devido rigor sistemático, sendo um conceito mutante ao longo das obras, seja nos termos empregados, seja nos sentidos atribuídos. Por isso, a dissertação busca identificar a *intentio* em cada obra, tentando mapear todas as suas variações léxicas, semânticas e contextuais, para precisar seu núcleo conceitual e os usos que recebe diante dos assuntos tratados pelo filósofo. No caso da obra *Comentário Literal ao Gênesis*, Agostinho discute no livro XII uma passagem do apóstolo Paulo, que narra o acontecimento de um homem que foi arrebatado em êxtase para ver o terceiro céu; essa passagem motiva a escrita do livro XII, tentando explicar como vemos o que vemos, seja aquilo de natureza corpórea, de natureza espiritual ou de natureza intelectual. Com isso,

Agostinho desenvolve sua teoria das três visões (corpórea, espiritual e intelectual), tendo como peça fundamental a *intentio*, isto é, o elemento intencional e atencional da alma.

MATERIAIS E MÉTODOS

Em relação ao assunto da teoria das três visões da alma e a *intentio*, demarca-se o livro XII da obra *Comentário Literal ao Gênesis*, escrita entre os anos 401 e 414. São comparadas a versão original latina (2022) e a versão traduzida para o português (2005), em busca de uma leitura acurada e fiel, através da metodologia de revisão bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em cada uma das visões encontramos a *intentio* desempenhando alguma função. Mas para entendermos melhor cada visão, é preciso ter em mente a seguinte distinção: a natureza do objeto visto, a forma do objeto visto e o perceptor.

A visão corpórea é aquela pela qual a alma vê os corpos através dos órgãos sensoriais do próprio corpo. A visão corpórea é considerada como uma disposição sensível da alma, se referindo não apenas ao ver dos olhos, mas à percepção dos outros sentidos (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 16, §32). Portanto, na visão corpórea, a natureza do objeto visto é corpórea, a forma também e o perceptor são os sentidos corpóreos animados pela alma.

A animação da alma sobre o corpo ocorre através da sua intenção vital (*intentio animi*), como descrito em *Mus.* (VI, 5, §9) e *Ep. 166* (I, §4). De modo ativo, a alma dá vida ao corpo que habita e conduz os movimentos internos a ele. Aos moldes estoicos (BRUN, 1998, p. 88), Agostinho teoriza em *Gen. Litt.*, XII, 16, §32 que os sentidos corpóreos estão ligados ao cérebro, como riachos que dele escorrem até às janelas do corpo. Para a alma ver através do corpo, direciona sua atenção (*intentio*) do cérebro ao sentido corpóreo, através dessa ligação, de onde então sai do corpo e toca os corpos, registrando sua forma corpórea no pensamento da alma (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 20, §§42-43).

A visão espiritual é a dimensão do pensamento da alma que se ocupa com essas formas corpóreas apreendidas da sensibilidade (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 11, §22). Na medida em que a alma é incorpórea, não pode conter em si mesma nada que seja substancialmente corpóreo. Portanto, a natureza do objeto visto pela visão espiritual é também espiritual, mas a forma desse objeto é corpórea, como uma cópia daquela forma vista pela visão corpórea. Por fim, a alma vê espiritualmente através de um sentido espiritual, isto é, uma disposição sensível às realidades espirituais acessíveis ao seu pensamento.

A visão espiritual possui atividades distintas; uma coisa é ver o que está diante da visão corpórea; outra coisa é lembrar de uma imagem retida na memória; outra coisa é combinar imagens, gerando uma nova forma corpórea no pensamento (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 6, §15). Além disso, há duas fontes do conteúdo manejado pela visão espiritual, as imagens oriundas da visão corpórea e as imagens advindas da influência espiritual de outro espírito (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 17, §§34-38). Seja como for, em todos estes casos a atenção (*intentio*) da alma deixa de se fazer presente no corpo e se ocupa com as imagens corpóreas que habitam seu pensamento, através do olhar espiritual.

A visão intelectual é a outra face do pensamento da alma, responsável por ver as realidades inteligíveis. Desta maneira, a natureza do objeto visto é espiritual, a forma é incorpórea e o perceptor é o próprio intelecto da alma (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 3, §6). A visão intelectual é responsável por interpretar e julgar tudo aquilo que surge diante do pensamento, incluindo as imagens corpóreas vistas pela visão corpórea e espiritual, buscando o sentido e as razões ocultas nelas. E assim como as outras visões, a *intentio* tem o papel de ser a atenção desta visão, direcionando-a para seu objeto e levando a alma a discernir (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 14, §29).

Com exceção do que fora comentado sobre a interferência espiritual, até aqui fora tratado os casos comuns destas visões, ou seja, o seu funcionamento mais cotidiano. Mas há casos especiais em que estas visões funcionam de modo diferente, e isso tem tudo a ver com a investigação do filósofo e teólogo sobre o homem arrebatado em êxtase. São esses casos os do sonho, da alienação e do êxtase.

Na vigília, a alma busca ver através do corpo com sua visão corpórea. Uma vez adormecido o corpo e seus sentidos, a alma busca novamente ver através dele, contudo sem conseguir, passando a buscar em sua memória as imagens dos corpos guardadas para ver consigo mesma através da visão espiritual. Ora, esse movimento da alma de buscar sentir é sua atenção (*intentio*), como Agostinho bem demonstra em *Gen. Litt.*, XII, 20, §42. Somando-se ao fato de a alma estar sob efeito do sono, o retorno da atenção da visão corpórea para a visão espiritual faz com que ela se confunda sobre o que é real ou não no que vê no sonho.

Da mesma natureza das visões oníricas são as visões da alienação que, entretanto, ocorrem durante a vigília (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 21, §44). São três causas da alienação: i) pensamento intenso (*cogitationis intentione*), ii) doença (*vi morbi*) e iii) interferência de um espírito (*alterius spiritus*) bom ou mau. Ou seja, em todos estes casos a *intentio* da alma está sendo redirecionada e afetada, produzindo visões artificiais (Aug., *Gen. Litt.*, XII, 21, §44).

Sobre o pensamento intenso (*cogitationis intentione*), Agostinho não dá exemplos e nem deixa claro o que quer dizer. Entretanto, retoma o assunto em *Trin.*, XI, 4, §7, nos levando a compreender que a alienação por pensamento intenso ocorre quando a alma focaliza toda a sua atenção em seus pensamentos, ao ponto de não conseguir distinguir uma visão espiritual de uma visão corpórea. Assim, passa a sentir coisas que outras pessoas não podem sentir, pois a causa da visão não é externa, mas interna à mente. Agostinho ainda comenta a possibilidade de deliberadamente uma pessoa buscar relaxar seu corpo e concentrar-se em seu pensamento, para ter visões divinatórias (*Gen., Litt.*, XII, 13, §27).

No caso da alienação por doença (*vis morbi*), as visões ocorrem por um desequilíbrio no funcionamento do corpo, mas não se trata de qualquer mal funcionamento, apenas daquele referente à atividade cerebral em relação aos sentidos corpóreos. Se os olhos de uma pessoa não funcionam, isso não significa que terá alguma visão especial, mas que de fato não verá. Mas se a dificuldade for cerebral, mesmo que os olhos estejam sadios, terá visões corpóreas que não condizem com a realidade corpórea (*Aug., Gen. Litt.*, XII, 19-20, §§41-43). Segundo o filósofo, isso ocorre porque há uma perturbação no direcionamento da atenção da alma até o corpo exógeno, pois o caminho da atenção, que perpassa o cérebro e os nervos até o sentido corpóreo, está afetado. Por isso, vê pessoas, objetos e formas que não são vistos pelos outros, ou não vistos do mesmo modo.

No caso da interferência espiritual (*alterius spiritus*) a alma vê imagens corpóreas através da visão espiritual por causa de outro espírito agindo sobre ela, acreditando serem originadas de sua visão corpórea (*Aug., Gen. Litt.*, XII, 22, §48; 30, §58). Podem ser visões boas ou más, dependendo da natureza do espírito.

O princípio do êxtase é o mesmo que da interferência espiritual, com a seguinte diferença: enquanto a interferência não arrebatava a alma de sua visão corpórea e espiritual, o êxtase o faz. No caso, há dois tipos de êxtases, um que a alma é arrebatada da visão corpórea, para ver espiritual e intelectualmente (*Aug., Gen. Litt.*, XII, 23, §49), e outro em que a alma é arrebatada da visão corpórea e da espiritual, vendo então apenas com a visão intelectual (*Aug., Gen. Litt.*, XII, 24, §54).

Em todos esses casos, sejam os em que as visões funcionam normalmente, seja em que são afetadas por forças adversas, a *intentio* da alma mantém seu papel de direcioná-las e produzir as imagens vistas pela alma, como o filósofo bem e hermeticamente resume em *Gen. Litt.*, XII, 20, §43.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes contribuições de *Comentário literal ao Gênesis* (XII) são em demonstrar como a *intentio* executa sua função anímica (na relação da alma com o corpo) e cognitiva, no comando das três visões, especialmente no caso da visão corpórea e da visão espiritual, detalhando a compreensão do filósofo sobre o funcionamento do corpo e da distribuição da *intentio* por ele, assim como de sua capacidade de produzir visões artificiais pelo pensamento. Entretanto, a obra em questão não contribui para explicar as funções que a *intentio* realiza na ordenação ética da alma, exploradas em outras obras.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001'. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTINUS. De Genesi Ad Litteram. Libri Duodecim. In: **Patrologia Latina**, n. 34. Disponível em: <http://www.augustinus.it/latino/genesi_lettera/index.htm>. Acesso em: 14 de jul. 2022.
- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. 2. ed. Agostinho Belmonte (Trad.). Nair de Assis Oliveira (Revisão e Notas). Coleção Patrística. n. 7. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, Santo. Comentário literal ao Gênesis. In: **Comentário ao Gênesis**. Frei Agostinho Belmonte (Trad.). Coleção Patrística. n. 21. São Paulo: Paulus, 2005. p. 25-296.
- AGOSTINHO, Santo. Epístola 166. In: GUARNIERI, Felipe de M. **A correspondência entre São Jerônimo e Santo Agostinho**: Tradução e estudo. Ed. bilíngue. São Paulo: USP, 2016. p. 409-451.
- AGOSTINHO, Santo. *De Musica*. In: FAGUNDES, Claudiberto. **“De Musica”. Diálogo filosófico de Agostinho de Hipona (354-430). Introdução, tradução e notas**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. p. 188-358.
- BRUN, Jean. **El Estoicismo**. Toluca, México: Chimal Editores, 1998.